

COORD. GERAL

**Sofia A. Carvalho**

COORD. CIENTÍFICA

**Annabela Rita**

**José Eduardo Franco**

TEIXEIRA DE  
**PASCOAES**

// VOL. 2

*A Arte de  
ser Português  
e a Renascença  
Portuguesa*

Biblioteca Nacional de Portugal  
- Catalogação na Publicação

CONGRESSO INTERNACIONAL TRIÉNIO  
PASCOALINO "A ARTE DE SER  
PORTUGUÊS", Lisboa, 2016

Teixeira de Pascoaes : a arte de ser português / Congresso  
Internacional Triénio Pascoalino "A Arte de Ser  
Português" ; coord. Sofia A. Carvalho, Annabela Rita, José  
Eduardo Franco. - 1ª ed. (Extra-colecção)  
ISBN 978-989-689-644-7

I - CARVALHO, Sofia A., 1979  
II - RITA, Annabela, 1958-  
III - FRANCO, José Eduardo, 1969-

CDD 821.134.3Pascoais, Teixeira de.09(042)

Título: Teixeira de Pascoaes.  
*A Arte de Ser Português e a Renascença Portuguesa*

Coordenação geral: Sofia A. Carvalho

Coordenação científica: Annabela Rita | José Eduardo Franco

Revisão: Susana Vieira

Edição: Edições Colibri

Capa: Dep. gráfico, Colibri

Depósito legal n.º 421 349/17

Lisboa, 31 de Março de 2017

## ÍNDICE

Prefácio .....	9
<i>Annabela Rita, José Eduardo Franco e Sofia A. Carvalho</i>	

### PARTE I

#### TRAÇOS DO PENSAMENTO DE TEIXEIRA DE PASCOAES: DE ARTE DE SER PORTUGUÊS À RENASCENÇA PORTUGUESA

Teixeira de Pascoaes: um pensamento neognóstico?.....	21
<i>Paulo Borges</i>	
Pascoaes ibérico .....	33
<i>António Cândido Franco</i>	
O profetismo laico em Teixeira de Pascoaes: a saudade.....	41
<i>Miguel Real</i>	
Haja Portugal! .....	51
<i>Joaquim Domingues</i>	
Filosofia criacionista e filosofia messiânico-profética em torno de <i>O Pensamento Criacionista de Leonardo Coimbra e a Arte de Ser Português</i> de Teixeira de Pascoaes.....	63
<i>Manuel Cândido Pimentel</i>	
“Referimos o nosso escrito principalmente a Pascoaes e Leonardo” - José Marinho e a harmonização das vozes.....	69
<i>Jorge Croce Rivera</i>	

A visão mística da alma pátria portuguesa, no espírito da <i>Renascença Portuguesa</i> de Teixeira de Pascoaes e Leonardo Coimbra .....	115
<i>Samuel Dimas</i>	
<i>Arte de Ser Português</i> revisitada.....	125
<i>Mário Vítor Bastos</i>	
Notas para uma filosofia da história em Teixeira de Pascoaes .....	137
<i>João Pedro Cambado</i>	
A querela Pascoaes / Sérgio – substância e horizonte.....	149
<i>Pedro Martins</i>	
O conceito sergiano de “estrangeirados” no contexto da polémica saudosista..	161
<i>Cristiana Lucas Silva</i>	

## PARTE II

## INSTRUIR, EDUCAR E CRIAR

A antropologia de Pascoaes em <i>Arte de Ser Português</i> .....	175
<i>In memoriam Jorge Coutinho</i>	
Raul Lino, uma arte de ser português .....	183
<i>António Braz Teixeira</i>	
O conceito de portugalidade em Teixeira de Pascoaes e António Quadros.....	191
<i>Artur Anselmo</i>	
A <i>Arte de Ser Português</i> : epopeia ou manual pedagógico?.....	195
<i>António Manuel de Andrade Moniz</i>	
Atavismos árabes em Teixeira de Pascoaes.....	203
<i>Fabrizio Bosaglia</i>	
Arte de ser Galego: ecos de Teixeira de Pascoaes na poética de Alfredo Guisado.....	217
<i>Fernando de Moraes Gêbra</i>	

Teixeira de Pascoaes e António Sardinha: dois arquitectos da lusitanidade .....	229
<i>José Almeida</i>	
O municipalismo entre Teixeira de Pascoaes e o Integralismo Lusitano: mitologias e identidades .....	241
<i>Manuel Rezende</i>	

## PARTE III

## ESCULTURAS DA ALMA: POESIA E LITERATURA

<i>Os Poetas Lusíadas</i> : Uma leitura “espiritual” da pátria literária.....	251
<i>Mário Garcia</i>	
Teixeira de Pascoaes e Bocage.....	257
<i>Daniel Pires</i>	
Pascoaes e Pessoa, dois cegos homéricos.....	263
<i>Mendo Castro Henriques</i>	
A literatura como revelação do génio nacional em Teixeira de Pascoaes – intuições e aporias .....	273
<i>José Cândido de Oliveira Martins</i>	
A reinvenção mítica no <i>Regresso ao Paraíso</i> de Teixeira de Pascoaes .....	285
<i>Ana Paula Pinto</i>	
A mulher em a <i>Arte de Ser Português</i> de Teixeira de Pascoaes .....	297
<i>Fábio Mario Silva</i>	
Filhos sem pátria: uma geração à deriva.....	303
<i>Tânia Pêgo</i>	

## PASCOAES IBÉRICO

antonio candido franco

A profundidade da reflexão de Pascoaes sobre as ligações físicas e culturais dos povos peninsulares, a largueza do seu entendimento sobre as afinidades contrastivas desses povos, a teimosa e corpórea idealização dum futuro comum para todos eles, a colossal dimensão da recepção da sua obra junto do público espanhol, fazem de Teixeira de Pascoaes (1877-1952) um escritor ibérico, talvez mesmo o mais ibérico dos escritores portugueses, e não apenas português.

Desde cedo que a obra de Pascoaes mereceu atenção em Espanha, melhor, nas Hespanhas, porque aquilo de que falamos não é uma unidade formal homogénea mas um mosaico disperso de singularidades que os acidentes incontroláveis da História ou o voluntarioso interesse dos homens bem ou mal juntaram. Em Junho de 1905 Teixeira de Pascoaes, com vinte e sete anos, deixou as portas de Coimbra para ir ao encontro de Salamanca, na fronteira leste, acompanhado da sua irmã dilecta, Maria da Glória, e do poeta Eugénio de Castro, que o apresentou a Miguel de Unamuno. Não é difícil imaginar este primeiro encontro, mediado por um maduro Eugénio de Castro, de trinta e oito anos, poeta consagradíssimo, a quem o grande Ruben Darío dedicara em 1896 uma conferência e cuja *Belkiss* (1894) aparecera já traduzida em castelhana língua (Buenos Aires, 1899). Dum lado está o jovem Pascoaes, tímido e deslumbrado pela poderosa e seca luminosidade estival da meseta ibérica, com os versos sublimes da *Vida Eterna* (1906) a bailarem-lhe no pensamento e no sorriso, e, do outro, um homem sazonado, desconfiado, introspectivo, prosaico, pouco falador, talhado naquele pau duro e soberbo que entre nós dera o carão liso e fechado de Herculano. Este homem acabara de escrever *Vida de Don Quijote y Sancho* (1905), um livro capital para o entendimento de todo o seu posterior pensamento, e a dureza do seu olhar estava desse modo suavizada pelos derradeiros farrapos do idealismo quixotesco de que se fizera o mais recente apóstolo.

Logo depois veio a leitura por parte do basco dos dois livros que o pequeno e magro português despercebidamente lhe pusera nas mãos, *Sempre*, decerto na segunda edição de 1902, e *Jesus e Pã* (1903), a que talvez tenha jun-